NOTAS HISTÓRICAS

AS EPIDEMIAS EM NAZARÉ
NO COMEÇO DO SÉCULO XX

Gastão de Almeida Sampaio

Por volta de 1910, estava eu com oito anos, quando, em Nazaré, a maioria da população modesta não sabia ler, inclusive africanas e seus filhos, como as classes mais pobres. Seu calendário era baseado em episódio relevantes de sua história como a Independência (1822/23), a Guerra do Paraguai (1870); a Cólera (1885); a Abolição (1888); e a República (1889), Canudos (1896) e outras datas de menos destaque. Estas épocas serviam de estribo quando perguntávamos aos "antigos" pelas suas idades ou acontecimentos que mararam a vida de cada um deles.

Davam, os informantes, a data dos seus nascimentos, antes ou depois dos ditos fatos, alguns beirando as primeiras décadas do Século XX.

Nazaré, com suas irmãs gêmeas do "Reconcavo", sofreu, naqueles dias, verdadeira devastação populacional com a "bexiga" (varfola). A luta por sua eradicação, mesmo temporária, foi praticada com energia, distante da ciência e do poder sócio-econômico. Damos, por nós próprios, o exemplo. Recordamo-nos, nitidamente, que fomos levados à presença do bondoso facultativo, Dr. Aurélio Miranda que, a serviço da Intendência Municipal de Nazaré, vacinou-nos por nove vezes, até nossa vacina vir a "pegar".

O obitúário diário transpunha cifras de mais de 10 pessoas. Sofria-se, deste modo, um desgaste violento, corroendo, ainda mais, a economia da terra.

A profilaxia limitava-se à vacinação em massa, semi-obrigatória. Praticava-se a queima noturna de esterco seco de gado, empilhado nas ruas mais atingidas, embeli-

do em alcatrão, na intenção de purificar o ar. Elpídio Nanico, guarda sanitário da Intendência, numa atividade febril, desinfetava os esgotos das ruas, penetrava, com autorização, em casas de doentes, onde bombeava cantos dos cômodos e o solo, num destemor incomparável. Eram medidas profiláticas que, se não tivessem sentido técnico, ao menos exerciam função psicológica. O povo sentia que a Intendência fazia alguma coisa.

A terapêutica consistia em furar as pústulas, que iriam deixar cicatrizes, lavagem com álcool-canforado e óleos desinfetantes.

Os doentes mais atacados eram internados num isolamento de emergência, chamado "lazareto". Havia os casos mais graves. Quando os enfermos não suportavam nem o lençol, eram colocados em folhas de banana passadas levemente ao calor do fogo, mesmo assim, as mais fininhas e leves. Raramente, nestes casos, se recuperavam. O povo cria crendices e dizia que se uma pústula grande, que denominavam de "Mãe da Bexiga", desse nos olhos, cegaria e, se fosse no coração, seria também fatal. Não temos comprovantes da veracidade desse fato, mas era mauto comentado.

Estando a cidade em natural estado de calamidade, o pavor era contagante, pois, diante de tamanho flagelo, havia o temor coletivo, expresso em cada um dos seus habitantes.

Surgiam, entretanto, elementos de indômita coragem, que não temia carregar os caixões ou padiolas dos mais pobres, que levam à vala comum. Isso as casas de doenças, numa impressionante abnegação, já imunizados, por em outra época, terem tido
varíola. Alguns não deixavam de “fechar o corpo”, aproveitando o momento, dando uma passadinha na casa do Sr. Bonifácio, que os acompanhava tomando mais um trago de cachaca.

É claro que, nas camadas sociais mais altas, a incidência era menor, contando com melhor higiene pessoal e recursos médicos à mão.

Do que eu tinha verdadeiro horror, era daqueles convalescentes que apareciam espavoridos pelas ruas, com as faces roseo-avermelhadas, escamando. E o pior é que o povo, então, dizia que, neste ponto, a doença pegava até pelo ar.

Eram tomadas medidas cautelatórias, pelo fechamento das escolas mas outras atividades, como a feira, o movimento do porto, da indústria e do comércio, a oficina da Estrada do Ferro etc. e a rotina do trabalho não sofria solução de continuidade sensível. Nazaré, naquele tempo, possuía muitas indústrias e o movimento de embarque de frutas, de cereais, de café, de fumo, para a “Bahia”, era muito grande. Poderia arrefecer um pouco, mas a vida da cidade continuava, praticamente, normal.

O grande amparo era a fé que o povo depositava em São Roque, indí da romaria à Igreja do Camamú, suplicando, fervorosamente, pelo desaparecimento do mal. Nas procissões desse Santo até 1915, a maioria dos acompanhantes o fazia descalço, cantando seus benditos.

Era penoso e demonstrava penitência, andar desprotegido sobre aquele calçamento irregular, daqueles pedrinhas tão velhas, tão encantadoras, mas ao mesmo tempo tão incomodas para se pisotear.

Contavam os “mais velhos” daquele tempo os horrores da cólera-morbus, da peste bubônica e da febre amarela, que fulminaram às centenas, o que felizmente não mais alcançamos. Acreditamos que as maiores baixas fosse as da cólera e da febre amarela, cujas medidas profiláticas não existiam, inclusive por não se conhecer as várias maneiras de propagação. Não era conhecida a transmissão da bubônica pela pulga, coincidindo com grande mortandade de ratos. Do mesmo modo, desconhecia-se ser a estegomia a transmissora da “amarela”. Conhecemos em família, através de irmãos mais velhos, que na epidemia desta última, em Nazaré, houve um dia, que uma das vítimas, através de um popular, iria ficar inseptulo, devido o adiantado da hora e o poder de ser tocado por alguém. Não obstante, o meu pai, com família numerosíssima conseguiu mais três companheiros afin de sepultar a vítima referida.

Existiam endemias terríveis como febre tifólica e suas correspondentes, sem específico. Eu próprio devo ter tido uma dessas doenças, quando uma febre me perseguiu por mais de 40 dias. Fui conduzido a Salvador. Medicado aqui, minha felicidade foi não ser diagnosticada a doença. Um regime quase de leite, não me fez perecer de fome, que era a indicação para aquelas febres, que o povo chamava de “causa médico” ou “febre de mau caráter”.

A malária já vinha sendo superada através do quinino.

Numa época, antecedendo Pasteur, onde as suposições de epidemias se davam por conquisões aéreas, sem o conhecimento do vírus e de suas consequentes transmissões diretas, foi o nazareno Alexandre José Barros Bittencourt, que na sua tese de doutoramento em medicina em 1896, tem uma notável previsão quando disse:

1 "Eu chamei contágio a transmissão de uma afeção mórbida de um indivíduo a um ou a muitos outros por intermédio de um princípio material (virus) sendo o produto n’uma elaboração mórbida específica, provoca naquele que ele toca mediata ou imediatamente, contanto que esteja convenientemente predisposto, numa moléstia semelhante aquela que o produziu". (Extraído do livro TEMPO ÁGUA DO RIO, da Prof. Maria Augusta Bittencourt. "O parenteses é nosso").

A respeito da Cólera-morbus em Nazaré, o Dr. Laudelino Sá, (conceituado médico
reformado do Exército) retransmitiu-nos uma estória que o Dr. Alexandre lhe narrara quando ele era estudante de medicina.

Como se supunha que a doença *provinha da água* e se desconhecendo a sua esterilização pela fervura, os doentes atacados de cólera eram proibidos de beber água. Sendo a mesma especialmente uma violenta diarreia, os pacientes morriam da cura, isto é: desidratados.

Haviam, em um ponto qualquer, um paciente atacado de cólera, (contava o Dr. Alexandre), que assistira a feitura de um doce de banana, em um tacho de cobre, como era usual fazer-se. No final, retirado o mesmo puseram um pouco de água, para que mais tarde, se desagregassem os resíduos, facilitando a lavagem do recipiente. Mas o paciente, ávido por beber, cegou os presentes e serviu-se da “água de tacho”, saciando a sede e curando a sua desidratação, que foi o suficiente para ficar inteiramente recuperado do mal que vinha sofrendo. Descoberto o fato, os médicos começaram a receitar para a cólera: “ÁGUA DE TACHO”.

---

**MEIOS DE ACAUTELAR, E REMEDIAR AS ENFERMIDADES**

Todas as enfermidades, e moléstias assim agudas, como crônicas, que ficam indicadas, á exceção tão somente dos bichos da segunda espécie, e do banzo, não são moléstias desconhecidas. A cada uma delas chega a Medicina, sendo aplicada em tempo; porém a mesma Medicina não pode emendar a negligência, o mau trato, a que os Pretos escravos ficam entregues, até que eles no desamparo morram. É assim nos remetemos nesta parte à mesma Medicina oportunamente aplicada; e quando o não seja, não podemos de modo algum obviar as doenças da desgraçada escravatura. Só nos compete referir neste lugar alguns meios usados de prevenir, e de curar algumas dessas enfermidades.

---

**I**

Só a escravatura fosse hospedada, e recebida em sobrado; se a toda ela se desse o vestuário preciso; se lhe fosse dada, além da necessária, e sadia comida, carne, de que tanto abunda aquele país; e se finalmente se tratasse do refresco, pelo meio das sazonadas frutas; dispendindo-se este bom trato, com infalibilidade, pouca, ou nenhum escravuatura viria a falecer das suas ordinárias doenças.

---

**II**

Sendo a Sarna uma das moléstias, que muito perseguem a escravatura principalmente em o fim das suas jornadas, e viagens; é certo, que sendo ela desembarcada, e metida em o pavimento térreo, e indo banhar-se ao mar, aos lagos, e às fontes, sem que haja o vestuário preciso, que a resguardar do ar ambiente; sobrevidendo-lhe qualquer constipração em um clima estranho, e para ela desabrido, como fica demonstrado, recolhe-se a Sarna, e recolhida ela, infinita escravuatura vem a falecer. Logo isto viria a ser acautelado, e a livrar-se a escravuatura desta doença, consumidora dela, se andasse vestida, e reparada.

Todas, e quantas operações e diligências dispemem aqueles Comissários idiotas, senhores da escravuatura, para desestarem a Sarna, mais para o fim de pôr hábil a escravuatura para a poder vender, do que para a reintegrar da sua saúde, são dirigidas,

ao contrário do que eles intentam, para a matar: porque deixam ao arbítrio de certos escravos, e escravas ladinhas o fazerem pôr pelo corpo as folhas amornadas da Mamona branca, ao uc em Portugal chamam Carrapichos; o que igualmente praticam com a folha da Courana. Quando aliás tudo isto concorre muitas vezes para a Sarna se recolher; e recolhida ela, ou por efeitos da casa húmida, em que habitam, ou por efeitos deste incôserado curativo, muitos deles vêm a falecer inesperadamente: usam da mesma folha de courana pisada, e da erva chamada no Brasil de São Caetano, com que no acto de ser lavada a escravatura, esfregam a Sarna. Todos estes remédios são de pouco, ou de nenhum efeito. O certo é que o curativo desta doença, aklém de dever ser prevenido pelo bom trato, deve ser entregue à Medicina: e no caso de se querer usar de remédios caseiros, se deve lançar mão dos que a experiência tenha feito conhecer, que verdadeiramente remedieiam o mal, sem produzi-rem outro.

III

O escravo que é acometido das Bexigas, sendo depositado no armazém térreo, e deixado à revelia, é certo, que vem a ser uma segura presa da morte, que o conquista: porque os senhores têm para si, que esta enfermidade deve seguir o seu curso, saindo as Bexigas, enchendo, e secando; e que se o escravo tiver de morrer, que assim virá a suceder; e que se tiver de escapar, viverá. Quando aliás pelo que entre nós vemos praticar, temos a certeza, de que sendo chamado o Médico, muito poucos escravos viriam a falecer: o que pelo contrário sucede pelo sistema, que os senhores dos escravos adoptam; porque se pelo nosso de dez viria a falecer um, pelo dos senhores de dez falecem nove. O que é bem de esperar, porque o escravo sendo metido em aquele armazém húmido, apoderado da referida enfermidade, as mais das vezes experimenta, que as Bexigas se recolhem; e recolhidas, no mesmo desamparo vem ele a falecer.

IV

Como uma das enfermidades, que maltratam a escravatura, pelo que temos dito, vem a ser a do Bicho da terceira espécie, o qual nasce em corpo, e mãos e com muito maior força em os pés, tendo a sua introdução pela falta do asseio: é bem certo, que sendo o corpo da mesma escravatura diariamente lavado, e os pés, e demais disto os pés calçados, o que é fácil na América sem maior dispenso pela abundância, e barateza da courana; ela se libertaria por este modo desta enfermidade, que tanto a maltitra, atenua, e emagrece.

A este respeito ajuntarei uma observação minha: que além do referido asseio, e lavagem, seria bom untar-se o pé da escravatura com o azeite de Dendê; o que ela assim pratica por todo o corpo em o seu país natalfício: pois que certamente os Bichos não procurariam fazer ali entrada, e criação, porque o referido óleo lhes virá a ser nocivo.

Derivando esta minha consideração do modo, com que os escravos curam na África os carbúnculos, ou antrazes, (sobre o que depois falarei); vendo eu a certo escravo com os pés estragados do Bicho, e de um tal modo, que já não podia suster-se neles, mandei peneirar a farinha de milho em o ponto mais subtil e ajudando-lhe porção de azeite de dende, do que resulta uma espécie de papas, amornando-as, e estendendo-as em um pano, as apliquei ao pé do escravo por quatro dias.

No primeiro observei, que sendo pê primeiramente bem lavado com urina para tirar a entranhada inmundice; ocasião, em que alquela multiplicidade de Bichos ficava visível, e descoberta: com aplicação das papas, dentro de vinte é quatro horas os Bichos de algum modo inchavam. Tornei a aplicar-lhe segunda vez as papas, e depois de outras vinte e quatro horas; que quase todos os Bichos na circunferência estavam apostemados, e que o escravo além de ter febre, sentia umas gravíssimas dores. Continuei terceira vez a aplicação das referidas papas, e observei nas outras vinte e quatro horas, que a circunferência dos Bichos estava toda
rasgada, e em figura de serem todos tirados. Continuei quarta vez a aplicação das papas, e depois das vinte e quatro horas, estando elas secas pelo calor do pé do escravo, uma uninfidade dos referidos Bichos vinha em as papas secas, ficando o pé do escravo como crivado com as casas abertas, e desamparadas dos Bichos. E continuando a pôr este emplasto sucessivamente, dentro de poucos dias vi o calcanhar do escravo todo bom.

V

A outra enfermidade, que muito grássa, e acomete a escravatura, é a Febre amalina-da, que logo consigo traz o sitoma de língua preta; e esta enfermidade é decisiva. Assim que se percebe no escravo, é logo muito sangrado; e também, quando se julga preciso, é sarjado: aplicando-se-lhe demais continuadamente uma grande abundância de qui-na, e outros muitos remédios, como são continuadas mezinhos. Porém por nenhum destas providências vem a ser suprido miserável escravo, que em vida é sepultado no armazém térreo. E nesta porfia, vem a morrer infinita escravatura.

VI

Em os dias desta gravíssima enfermidade, há uma evacuação inferior, sempre constante; e por esta causa, salvando-se os escravos de tal enfermidade, insurge a perigosa Hemorragia, que reduz o ânus, ou via inferior a uma desmarcada relaxação. A medicina não é tão pobre, que não tenha remédio, com que se cure este gênero de enfermidade; e tanto ela é próxima, que concorrendo a referida moléstia, ainda que mais raramente em as pessoas brancas, estabelecidas, e ricas, sendo convocados os Professores em tempo, são curadas e restabelecidas. Desta mesma utilidade participam os escravos, encontrando-se a piedade em os seus senhores; e participariam todos os escravos, se os senhores para a conservação do que era seu lhe chamassem Médicos, que lhes assistissem.

Quando eles quisessem conservar a mão fechada para tão curto dispêndio, se pelo menos cuidadosamente se informasse por si de outros, ou pelos intérpretes da escravatura, pesquisando dela o modo, com que em os seus Sertões se curava este gênero de enfermidade tão prejudicial, eles viriam a conseguir o sistema fácil do tal, e qual curativo dela.

Nos Sertões Africanos, e na linguagem da escravatura é chamada, e conhecida esta moléstia com o nome de Maculo. O modo de ser entre ela curada, vem a ser o seguinte, segundo referem os Pretos, ainda que em parte não parece verdadeiro. Quando o Maculo é em o seu princípio logo percebido em os Pretos, é fácil de ser curado, procedendo-se a lavar-se a via por duas, três, e mais vezes no dia em água de malvas, de tanxagem, de alfavaca de cobra, e de outras, que eles chamam ervas frescas. Não obedecendo a esta espécie de curativo, quando o Maculo a mais se adianta, ou mais tardadamente foi percebido, lavam o interior do ânus com água das referidas ervas; e usam também para este fim de leite de peito ainda morno, com o calor natural. Além disto, fazem (segundo dizem) uma espécie de unguento, que vem a ser composto destes simples: ao azeite de Dendé aj'ntam alvaiade, e clara de ovo, e com tudo isto na consistência de unguento untam a via laxada, e os lábios dela por três, ou quatro vezes no dia, até que seja o Africano restabelecido.

VII

Indo a mais este gênero de enfermidade, ela se observa degenerada em outra, que vem a ser a da corrupção, vulgarmente conhecida pela doença do bicho, da primeira espécie de que já falámos. Declara-se de dois modos: primeiro, em o seu princípio, quando se observa em as paredes do ânus uma aspereza como de delicada lixa, bem semelhante à da ova dos peixes, onde se entende que já se acham gerados os bichos da corrupção: segundo, quando se sente um fedor da mesma corrupção dentro do quarto
da habitação do enfermo, de um tal modo que todos o percebem, assim que nele entr...um.

O modo com que esta enfermidade resultante da primeira, isto é da Febre, e da segunda, isto é, da Hemorragia se costuma curar; vem a ser com repéndas mezinhas, compostas de limão azedo, de sal, e de pimenta-malagueta: tudo bem mexido, desfeito, e machucado, ficando com a cor como de água de uma sangria forte. Presencie serem deitadas algumas destas mezinhas: e observei que enquanto passavam pelos lugares interiores corrompidos, não sentia o escravo dor alguma; porém chegando à parte viva, e não corrompida, faziam no escravo tantos efeitos de desesperação, como se a ajuda fosse de chumbo derretido. Observei mais que quando estas mezinhas não produziam esses efeitos, que ali se proferia a setença, de que o escravo morria; e com efeito assim sucedia em aquele dia, ou em o seguinte: porém sempre de contínuo se iam aplicando estas ajudas fortes de duas em duas horas, ou de três em três; e algumas vezes sucedia, que o escravo entrando a sentir-se em a terceira, e quarta mezinha, vinha a escapar.

Observei por último, que lançando-o o escravo fora depois de a ter dentro por qualquer espaço, ocasião em que tem logo lugar a aplicação da segunda mezinha, que na lançada fora vinha uma espécie de polme, parecendo ser os ovículos mortos, e desapegados da sua matriz.

Costumam os curadeiros, e ainda os Professores, usar demais para curar esta perigosa moléstia, quando se adianta, de talhadas de limão azedo cobertas de sal; que ficam conservadas na via, para que perenemente estejam resistindo à corrupção.

Passei a informar-me melhor a esse respeito dos diversos homens, que por muitos anos tinham habitado em os países Africanos; e recontando-lhes este modo de curativo, o aprovaram, e tiveram por verdadeiro, e usual: e de mais acrescentaram, que muitas vezes, para se resistir à corrupção, também se deitavam com limão, e pólvora as refriedas mezinhas; e que as talhadas de li-

mão eram enxutas, e cobertas com a pólvora.

Esta enfermidade não é desconhecida na América porque grasse em todos os tempos ardentos, como entre nós a Malinas.

VIII

O Escorbuto não é uma doença nova, e desconhecida; e por isso mesmo é curável antes da sua confirmação: e os Povos Africanos, posto que incultos, a curam em tempo com as suas mezinhas; tomando bochechos continuados da erva chamada Pempia; socorrendo-se com diversos purgantes da mesma erva, e da casca da Acácia; fazendo um continuado uso da laranja, e do limão; e de diversas limonadas, e do ponche do vinagre da palmeira, ou do coco.

IX

O Bango é outra gravíssima enfermidade, que sufo, e insensivelmente abrasando, e consumindo a escravatura, a vai fielmente entregar à morte. O meio mais pronto, e o mais natural, que quanto a mim pode haver para se exterminar esta moléstia de tão pésimos conséquencias, pois que o seu curativo não pode achar socorros ainda na melhor Medicina, deve ser o excogitar-se tudo quanto possível seja para desterrar-se da infeliz escravatura aquela justa paixão, a que se entrega, na cogitação de que vive combatida dos maiores males.

Em a dissusão deste justo sentimento deve ter o primeiro lugar um trato, que seja capaz de a desimaginar, de que ela não vive, e que não fora trazida para uma positiva desgraça, na qual se acha sepultada: deve ter o segundo lugar, comportarem-se os seus senhores para com ela de um modo benigno, e afável, indicando-lhe que se acham bem servidos, inspirando na escravatura os sentimentos, de que tem eles por acerto, e por fortuna a uns bons escravos; para a recompença nascem os outros correlativos sentimentos nos escravos, de que tiveram a dita de encontrar a um bom senhor: deve ter o terceiro lugar, o moderarem-se os castigos: deve ter o quarto lugar, a permissão
de ela se divertir, e folgar ao seu modo, e ainda com a convocação dos seus compatriotas, e semelhantes; para lhe influir um justo prazer, e a necessária alegria, o que só é capaz de fazer desterrar o Banzo, e as cogitações fúnebres, a que com facilidade se entregam.

X

Os Carbúnculos, ou Antrazes também não são novos na Cirurgia: muitos escravos chegam a falacer deles; porém também muitos chegam a escapar. Esta doença temível, e perigosa tem merecido os maiores cuidados dos Africanos; até a reduzirem ao estado de se fazer curável com a maior facilidade. A receita extraída das suas observações, e incultura, diz-se que é a seguinte: Deitam em azeite de Dendé alvaiade fino: fazem ajuntar uma porção de farinha de milho, a mais apurada que possam conseguir, e sendo tudo bem misturado, estendem este emplasto em qualquer pano: lavam de manhã e de tarde com a água de malvas morna, ou com outra qualquer que seja fresca, continuam pelos dias sucessivos nesta lavagem antes de se pôr o referido emplasto; e pela continuação dele, o Carbúnculo ou Antraz começa a abrir-se, formando uma espécie de flor; de sorte que pelos dias seguintes com esta repetição de remédio, ele vem saindo com todos os seus olhos, e raízes, sem que nunca por ele, ou pelas suas ramificações se puxe; até que afinal vem ele pegado em o mesmo emplasto, ficando a chaga, e o lugar do Carbúnculo em carne viva; e se continua a pôr o referido emplasto, até que ela de todo, se feche.

Esta receita é tão especiosa, e produziu tão bons efeitos em a presença de D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho, que fora Governador em o Reino de Angola; que a trouxe para Portugal, e há-de existir entre as sueas Memórias.

XI

O Cancro sendo também uma moléstia antiga, e conhecida em aqueles Países Africanos, aonde se ignora a Medicina Especulativa, também se cura com feliz sucesso desta sorte: O pô, ou serradura do pau chamado quicongo misturado, em partes iguais, com a folha de Pita, ou Figueira do inferno, sendo tudo bem módo subtilissimamente, como entre nós o tabaco, com esta qualidade de pô se vai pulverizando o Cancro; ao tempo, que queima, vai alimando a chaga brandamente, e de tal sorte que nunca se quebra a raiz dele. Cobre-se a chaga com o emplasto de qualquer unguento puxante, assim como Basilicão, e com efeito se consegue o fim de ser curada esta ferida, que a tantos mata.

O mesmo D. Francisco Inocêncio, governando Angola, viu efeitos tão prodigiosos, que não se contentou só em trazer a receita para Portugal, trouxe também o quicongo, e a folha da pita. Tudo isto há-de constar igualmente das suas lembranças, que serão achadas no Arquivo da sua Casa.